

CESTO DE TRANÇAS

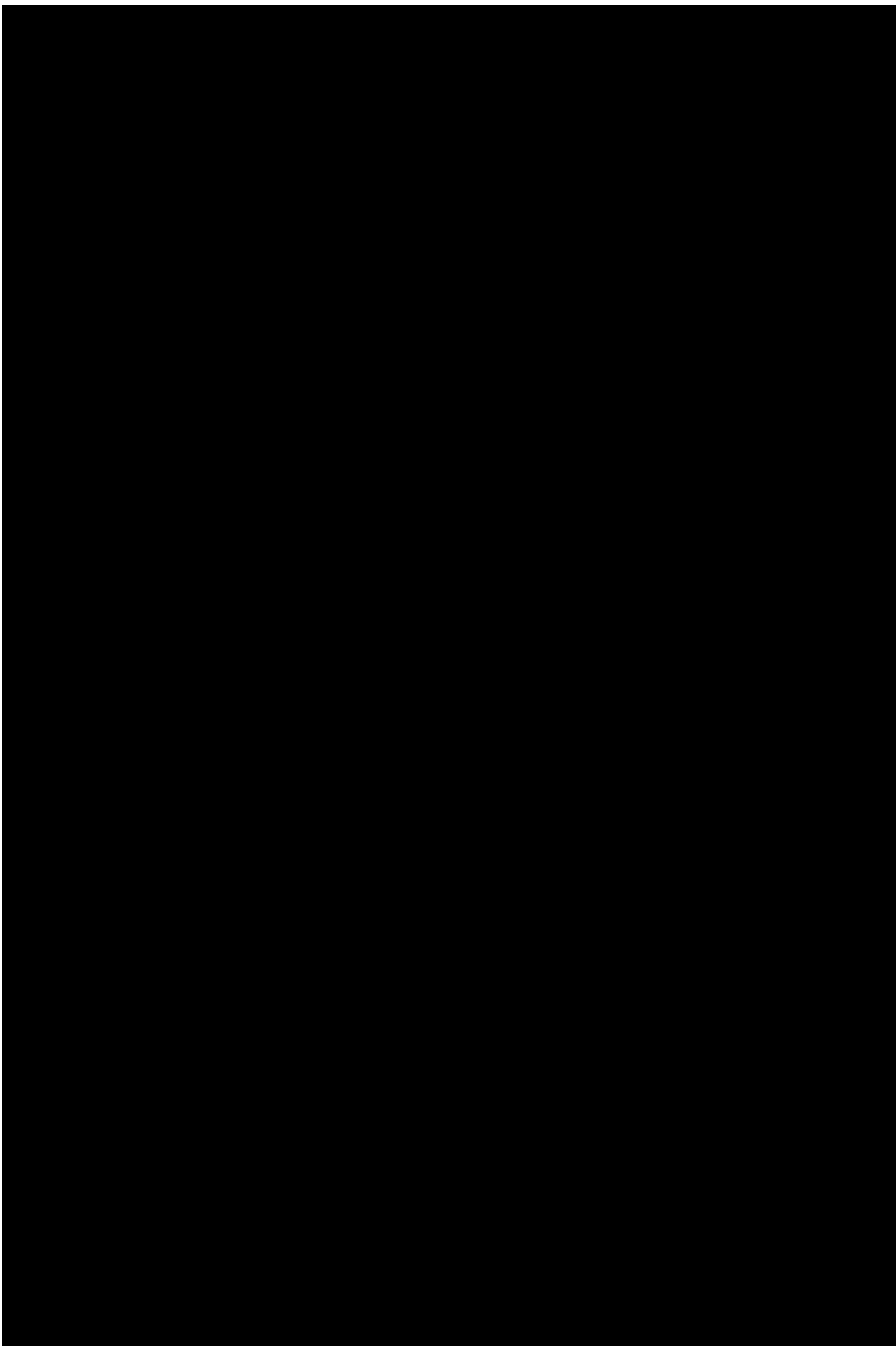


Cesto de tranças

NATALIA LITVINOVA

*Tradução de
Ellen Maria Vasconcellos*





Cesto de tranças:

um poema que traz um lugar e se faz lugar.

Quando paramos para ver a neve cair, não nos recordamos de seus outros estados no ciclo que a água passa, de onde ela pode ter vindo, por onde correu... Vemos a neve cair como se única, como se brotasse magicamente naquele momento. Ela está diante de nossos olhos pela primeira vez agora, e ali também se escapa, sem pertencimento ou ansiedade.

Os poemas de Natalia Litvinova em *Cesto de tranças* são esse olhar atento ao presente que, assim como a neve ou as ondas numa praia que trazem memórias de milhares de anos, segue revivendo as ações de gerações, de sua mãe, sua vó, seu bisavô e também do pai de seu bisavô. São hábitos comuns que não se perdem. São tradições culturais, mas também gestos naturais. Como o voo migratório das aves, as ondas são só outro exemplo da beleza dos dias.

Não há adoração a esses elementos, nem tampouco medo. A natureza sempre esteve lá, e o que está hoje contém também o que está ausente. Quando se sobrevive a uma catástrofe causada pelo homem, não se teme o que a Natureza deu. Entre búfalos, ursos, cavalos, serpentes, tubérculos, vermes e humanos há uma coabitação e um respeito. É o que sentimos ao ler os versos de Natalia, uma força sentida nas mãos, na carne; sua umidade nos pés, no hálito. O que a poesia de Natalia nos traz é esse corpo e espírito atemporal, da menina que não possui um talismã, mas que carrega consigo todo um bosque e sua aldeia, aquela que se protege da má fortuna como pode, com a superioridade da natureza, com o misticismo ancestral, com a memória. Por isso, são versos de doçura e resistência.

Cesto de tranças é um delicado poemário de um tempo expandido, onde as referências geográficas se cruzam e se dissolvem, e cada existência humana, cada corpo feminino é mais que um cesto de supertições, memórias e destinos, mas a própria poesia, a vida toda pulsando.

A menina que nos guia e que não a conhecemos, nos mostra uma experiência de estar-sem-estar. Ela canta e a seguimos, desconjurando maldições, ao mesmo tempo aprendendo que as palavras também servem para contar mentiras. Com isso, ela também passa a ser a velha sábia. A voz dos poemas desloca um eu e um você, que às vezes está próximo, e às vezes distante, como se a narradora estivesse sempre nesse movimento de nos levar ao outro lado do mundo, exótico, misterioso e transcendente e nos trazer de volta ao conforto do lar, do que é ordinário e terreno. E por isso, agora, o talismã também é nosso.

Quatro meses depois que o reator 4 explodiu em Chernobyl, em 1986, Natalia Litvinona nasceu, em Gómel, na Bielorrússia, cidade que ainda fazia parte da URSS, a duzentos quilômetros de Pripiat, o epicentro da contaminação radioativa. Mas enquanto uma catástrofe de radiação se expandia, apesar das proibições de exposição ao sol e à chuva, a vida seguia, e a pequena Natalia passava sua infância como qualquer criança. Dez anos depois, no entanto, para fugir das doenças e das mortes que não cessavam entre os que haviam decidido ficar, a família Litvinova imigrou e se refugiou na Argentina, onde Natalia se criou poeta, editora e tradutora. Após já quatro livros publicados, em 2017, ganhou o Prêmio estímulo da Fundação Argentina de Poesia, e, no ano seguinte, Natalia Litvinova publicou mais um, o *Cesto de Trenzas*. Seus livros já foram traduzidos a, ao menos, quatro línguas e suas reedições já chegaram a muitos países, como Alemanha, Espanha, Estados Unidos, Chile, Colômbia entre outros. *Cesto de Tranças*, pela editora Moinhos, é sua primeira obra traduzida ao português.

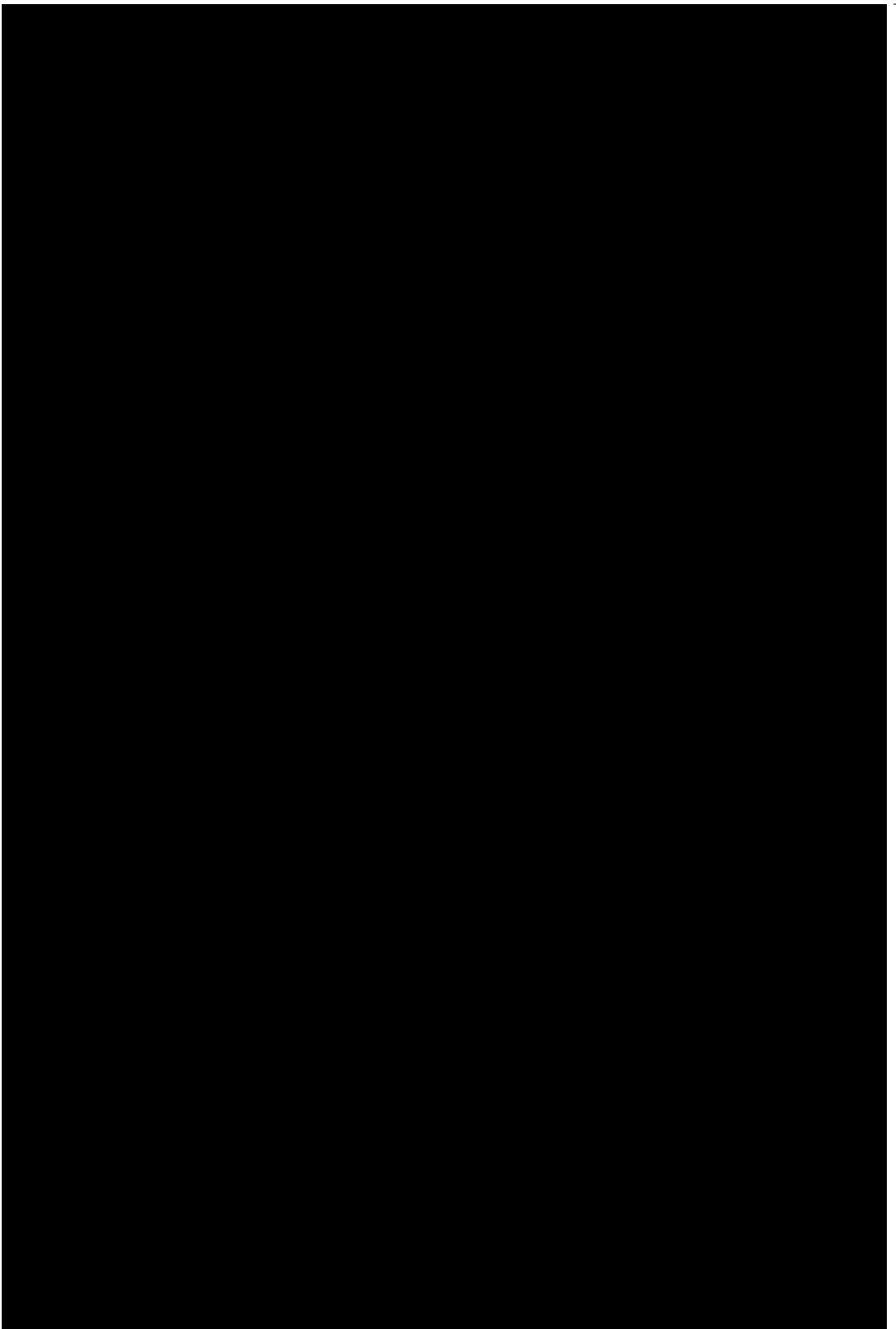
Ellen Maria Vasconcelos

*Afortunado aquele que não tem pátria;
a contempla ainda em seus sonhos.*

Hannah Arendt



I



AS PESSOAS DA MINHA ALDEIA
são coléricas
como escravos de tártaros.

Todas as mulheres
da minha família
possuem um amuleto
que as protege.

Eu não, mas minto
para que me tratem
com cuidado.

SE AGACHAM
e se levantam
cada uma em seu ritmo,
como teclas
de um instrumento
que alguém pressiona
com os dedos.

Filas de mulheres
de saias
e galochas
desenterram
tubérculos.

É a dança
para não morrer
de fome,
dizem e sorriem.

As raízes se queixam
quando você as separa
da terra.

AS TAREFAS
se alternam todos os dias.
Outras mulheres
cavam buracos
enquanto cantam.
Quando alguma
desembesta a chorar
cantam mais forte.
O bosque lhes faz
uma reverência.

OS VESTIDOS CAEM
pelo peso do trabalho.
Não seduzem amassados
e sem forma.

Semeamos batata
de camisa e calça,
ajoelhadas
sobre os vermes.

Minha avó sempre à frente:
cabeça humana
e corpo de pássaro,
abre suas asas,
insemina as verduras.